

O DIABO	12 NOV 1985	MAIS	
TEMPO		TV-GUIA	
O PAIS		SETE	
O JORNAL		ÉXITO	
TAL & QUAL		A BOLA	
EXPRESSO		GAZETA DOS DESPORTOS	
SEMANÁRIO		RECORD	
		OFF-SIDE	

## O FACTOR HUMANO

JOSÉ MIGUEL JÚDICE



# Unidade e desunião no PS e PSD

Fundação Cuidar o Futuro

NO ÚLTIMO Congresso Socialista, em 1983, Salgado Zenha deliberadamente escolheu a solidão, chegando ao ponto de nem sequer aparecer no Pavilhão dos Desportos, ao contrário dos seus aliados da altura, o grupo do «Ex-Secretariado». No final de Novembro do mesmo ano concedeu uma entrevista ao «Diário de Notícias» (cujo director agora afirma — e foi a primeira pessoa a fazê-lo publicamente, antes de Arnaut — que o apoiaria para Belém), que julgo ter sido a única pessoa a comentar, o que fiz, em resumo, da seguinte forma: «A entrevista de Salgado Zenha ao «Diário de Notícias» é o acto informal do seu lançamento para o lugar geométrico de candidato (presidencial) apoiado pelo Partido Comunista e **benzido** pelo general Eanes para partir o PS ao meio em 1985».

De então para cá muita água correu, sempre com o quase total silêncio de Zenha (que, entretanto, viu fracassar uma revista político-cultural de que era director), e o PS foi partido ao meio ainda antes das presidenciais. O que me parece não invalidar o que ficou afirmado: Salgado Zenha é de todos os candidatos possíveis à esquerda o que pode fazer pior ao PS, o que mais agressivo é para esse partido, aquele que constitui, afinal, uma forma de tentar consolidar as perdas para o PRD, lançando a confusão no interior do partido de Mário Soares.

Não é possível, pelo menos a mim, saber se existe uma estratégia consciente de obter o resultado desagregador e muito menos poderei afirmar que Zenha esteja interessado ou colabore conscientemente com tal eventual estratégia. Mas o certo é

que de todos os candidatos possíveis na chamada área eanista, Salgado Zenha é aquele que mais problemas internos causará ao PS sem que seja o que melhores condições tem para passar à segunda volta. Tenho para mim que Zenha é, num plano prático, um candidato praticamente incapaz de ultrapassar Pintasilgo (ao contrário de Costa Brás) e pode ajudar imenso Freitas do Amaral pelo carácter fraticida que vai gerar na luta à esquerda pela passagem à segunda volta.

Mas no plano interno do PS, esta candidatura vai provavelmente impedir os esforços de manter a unidade partidária na fase que se vai seguir à derrota (ou à vitória...) de Soares nas presidenciais. Seja ou não sincero o esforço de unidade que ficou patente na recomposição da Comissão Permanente do PS, o certo é que as condições objectivas para a unidade são fracas e só podem ser complicadas pelo clima de suspeições que vai adensar-se com a candidatura de Zenha.

Se isto é assim no PS, tudo poderá estar a evoluir de forma diferente no PSD. A distração que é habitual na Comunicação Social portuguesa (e que já referia quando comentei a entrevista de Zenha atrás mencionada) deixou passar sem análise um texto de Marcelo Rebelo de Sousa publicado no passado sábado e que constitui uma peça de grande importância política. De facto, o artigo em questão constitui uma afirmação inequívoca de opção pela unidade partidária à volta do apoio ao governo minoritário de Cavaco Silva, por parte de alguém que teria

razões como poucos para não o fazer, sobretudo neste momento.

A importância do artigo não está, porém, apenas na opção do político, mas nos fundamentos objectivos que realça e que constituem para além de um esteio moral uma clara percepção da realidade política: trata-se da constatação de que Cavaco no tempo de Balsemão, Marcelo no tempo de Mota Pinto, foram claramente oposição interna. Nenhum deles ganhou no final do período em que se opôs, mas o certo é que criaram condições de base sociológica para que num caso «aparecesse» Mota Pinto e no outro Cavaco Silva, após dois anos de quase absoluta travessia do deserto.

O importante não é essa constatação, mas a percepção de que pela primeira vez desde Sá Carneiro a divisão interna não é possível, não é conveniente para o partido, não tem os fundamentos que a justificaram no passado recente (divergências estratégicas profundas) e até no passado menos recente (em que factores de forma de liderança foram muito relevantes). Quer isto dizer que no quadro interno do PSD, por um lado, as condições objectivas para a unidade partidária são sem dúvida fortes — e sobreviverão mesmo que Cavaco viesse a perder as eleições presidenciais. Mas quer dizer, por outro lado, que pela primeira vez em cinco anos o PSD ou ganha ou perde, ou tem sucesso ou tem insucesso, ou sobrevive e se reforça como primeiro partido ou sobra e será derrotado sem apelo nem agravo dando lugar a outro bloco, até que possa recuperar na oposição.